

ANNO III
NUMERO 72

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

REMEDIOS HOMŒOPATHICOS ESPECIAES EM GLOBULOS

Do pharmaceutico FRANCISCO JOSÉ DA COSTA

- | | | |
|---|---|--|
| 1—Remedio das Febres. | 38C—Remedio das Doenças venereas no seu periodo cachetico | 71—Remedio da Tysica na sua forma chronica. |
| 2 » dos Vermes. | 39—Remedio das Doenças de figado e baço. | 72—Remedio da Tysica na sua forma maligna. |
| 3 » das Doenças das crianças. | 40—Remedio das Hemorrhagias de diversos orgãos | 73—Remedio da Tysica, em especial para combater os suores nocturnos, a febre hectica, etc. |
| 4—Remedio da Diarrhea. | 41—Remedio da Ozena. | 74—Remedio da Irritação e pinhal e da ataxia locomotriz. |
| 5 » da Dysenteria. | 42 » do Cancro na lingua e das ulceras. | 75—Remedio da Lienteria ou diarrhea lienterica. |
| 6 » da Cholera. | 43—Remedio Hypertrophia das amygdalas. | 76—Remedio da Sciatica, já rheumatica, já nevralgica, já recente, já chronica. |
| 7 » das Tosses. | 44 Remedio da Pharyngite chronica. | 77—Remedio das Vertigens. |
| 8 » das Nevralgias. | 45 » das Enterites. | 78 » do Tétano. |
| 9 » da Enxaqueca. | 46 » das Colicas hepaticas. | 79 » da Gangrena. |
| 10 » da Dyspepsia. | 47 » dos Polypos. | 80 » do Impetigo. |
| 11 » das Doenças das senhoras. | 48 » da Flatulencia. | 81 » da Epilepsia com ataques incompletos |
| 12—Remedio dos Desarranjos feminis. | 49 » da Nephrite e do mal de Brigt. | 82—Remedio da Epilepsia com ataques completos. |
| 13 » do Garrotilho. | 50—Remedio do Hydrocela. | 83—Remedio do Beriberi ou cachexia indica. |
| 14 » das Erupções | 51 » da Blennorrhagia. | 84—Remedio das Adenites. |
| 15 » do Rheumatismo. | 52 » da Colica nephritica. | 85 » da Peste. |
| 16 » das Sezões, | 53 » da Hypochondria. | 86 » das Metrites. |
| 17 » das Hemorrhoides. | 54 » da Ictericia. | 87 » da Osteite e periostite. |
| 18 » das Ophthalmias | 55 » da Leucorrhœa. | 88 » do Alcoolismo. |
| 19 » da Influenza e Bronchite. | 56 » da Inflamação dos ovarios, nevralgia, induração, etc. | 89 » da Caimbra dos escriptores, pianistas, etc. |
| 20 » da Tosse convulsa. | 57—Remedio da Paralysis geral ou parcial, hysterica, post-diphtherica, etc. | 90—Remedio da Prisão do ventre. |
| 21 » da Asthma. | 58—Remedio da Prostatite aguda ou chronica. | 91 » da Queda do anus. |
| 22 » das Doenças dos ouvidos. | 59—Remedio da Inflamação e hypertrophia dos testiculos. | 92 » Deslocamento e queda do utero. |
| 23 » das Escrophulas. | 60—Remedio da Cataracta. | 93—Remedio das Fistulas dos diversos orgãos. |
| 24 » da Fraqueza geral. | 61 » da Pericardite. | 94—Remedio do Glaucoma. |
| 25 » da Hydropsia. | 62 » da Endocardite. | 95 » dos Kistos e tumores. |
| 26 » das Nauseas e vomitos. | 63 » da Cardite e myocardite | 96 » Pustula maligna, e do antraz, quer no homem quer nos animaes. |
| 27 » das Doenças dos rins. | 64 » do Aneurisma. | 97—Remedio Prophylatico da escrophula. |
| 28 » da Fraqueza nervosa. | 65 » da Erysipela. | 98—Remedio Prophylatico da syphilis mais ou menos degenerada |
| 29 » das Aphtas e do cancro no estomago. | 66 » do Nicotismo ou effeito do tabaco. | 99—Remedio Prophylatico dos tuberculos e do cancro. |
| 30—Remedio das Doenças da bexiga. | 67—Remedio da Tysica no periodo pretuberculoso. | 100—Remedio Prophylatico da variola. |
| 31 » da Menstruação difficil. | 68—Remedio da Tysica na sua forma commum e marcha lenta. | |
| 32 » das Irregularidade da idade critica. | 69—Remedio da Tysica na sua forma commum, mas de marcha rapida. | |
| 33—Remedio dos Espasmos e das convulsões. | 70—Remedio da Tysica na sua forma hemorrhagica. | |
| 34—Remedio das Anginas. | | |
| 35 » das Congestões e dores de cabeça. | | |
| 36—Remedio da Febre Amarella. | | |
| 37 » da Diabetes. | | |
| 38 » das Doenças venereas no seu periodo primario. | | |
| 38A—Remedio das Doenças venereas no seu periodo secundario. | | |
| 38B—Remedio das Doenças venereas no seu periodo terceario. | | |

Os nossos «remedios homœopathicos especiaes» em pilulas são facilmente applicaveis, d'um effeito rapido e seguro, não fazem mal, são 40 a 50 por cento mais baratos do que os do dr. Humphreys, de «mais prompto resultado» por serem preparados recentemente e á medida que o seu deposito se esgota.

As suas formulas veem publicadas no respectivo «Manual», por a homœopathia condemnar com vehemencia o uso de remedios secretos

O nosso «Manual» não só como livro de critica aos processos condemnaveis, modernamente adoptados, mas tambem como repositorio do que mais avançado os grandes mestres ensinam, constitue uma obra cujo merito pode ser bem apreciado pelos espiritos que caminham na vanguarda da sciencia.

Preços dos remedios—Vidros pequenos 400 réis Vidros grandes 600 réis

Deposito na pharmacia do auctor e preparador

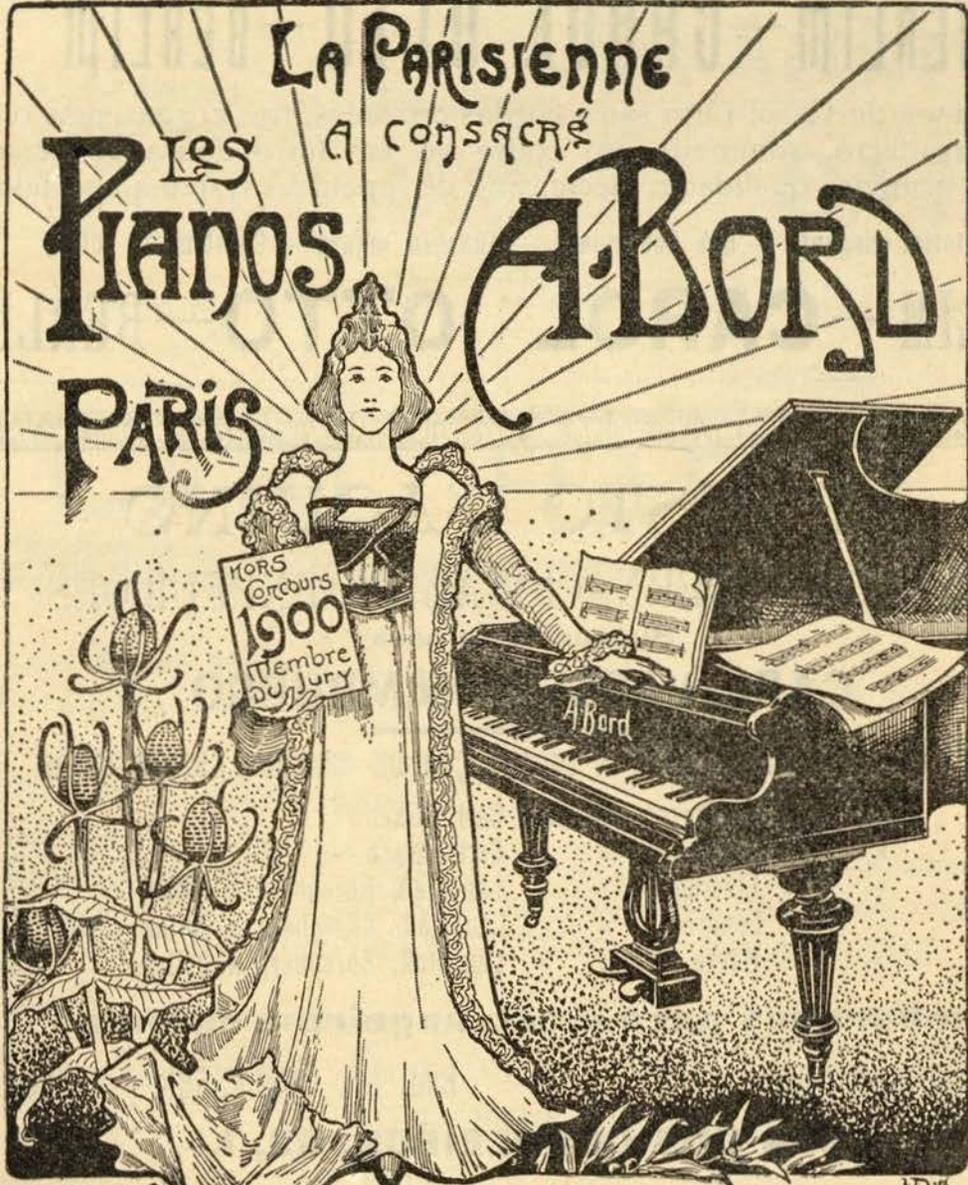
FRANCISCO JOSÉ DA COSTA — 234 — Rua Augusta — 238

LISBOA

Preço do «Manual dos Remedios Homœopathicos Especiaes»

Encadernado em percalina 600 réis Encadernado em chagrín 800 réis

Descontos para revender



14^{bis} BOUL^D POISSONNIERE *H. Follie*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
 Produção até hoje 100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 MEMBRO DO JURY—HORS CONCOURS

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de Carol Otto são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

AUGUSTO D'AQUINO AGENCIA INTERNACIONAL DE EXPEDIÇÕES

Succursal da casa

CARL LASSEN, HAMBURGO

SERVIÇOS COMBINADOS PARA A IMPORTAÇÃO DE GENEROS ESTRANGEIROS

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

Embarques para o estrangeiro e colonias

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

RUA DOS CORREIROS, 92, 1.º

ORGÃO DE CHRISTOPHE & ETIENNE

Para capella ou salão

2 teclados manuaes, um de pedaes, 15 registos

MAGNIFICA E POTENTE SONORIDADE

VENDE-SE NA

CASA LAMBERTINI

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

REDACIOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Johann Strauss — Arte intima — Me-
stres Cantores — J. Eduardo Pinto da Cunha — Escola
de Musica de Camara — Concertos — Theatro de
S. Carlos — Noticiario — Necrologia.

JOHANN STRAUSS

O ultimo dos *Reis da Valsa* merece aqui
tambem uma fugitiva homenagem.

Nasceu o celebre compositor popular vien-
nense em 25 de Ou-
tubro de 1825. Dis-
cipulo de seu pae,
que tambem se cha-
mava João Strauss,
fundou em 1844 uma
orquestra de baile,
com que fez as suas
primeiras armas;
mais tarde porem as-
sumiu a direcção da
orquestra de seu pae
e com ella percorreu
as principaes cida-
des europeas, dando
concertos que tive-
ram em toda a par-
te uma grande accei-
tação.

Como compositor
teve um lugar hon-
rosissimo — o pri-
meiro dos logares
na sua especialidade.

Quem ha que não
conheça a deliciosa
valsa que tem por
titulo *O bello Da-
nubio azul?* E *Sang viennois*, e *Mille et une
nuits*, e *Bella Italia*, e *Vie d'Artiste*, e *Ai-
mer, boire et chanter* e *Feuilles du Matin* e
Du und du e tantas outras que tem feito e
fazem ainda as delicias dos valsistas de todo
o mundo?

Effectivamente poucas musicas n'este ge-
nero se distinguem, como as d'elle pela ri-
queza e originalidade da melodia, pela fres-
cura dos effeitos rythmicos e pela ele-

gancia do trabalho harmonico e orches-
tral.

Mas não escreveu só valsas; no dominio
da operetta deixou pequenos monumentos
que hão de ser sempre apreciados emquanto
houver theatros.

Os mais importantes dos trabalhos d esta
especialidade são:

Indigo (Vienna, 10 de Fevereiro de 1871),

*O Carnaval em
Roma* (id. 1 de Mar-
ço de 1873), *Die
Fledermaus* (id.
1874), *Cagliostro*
(id. 1875), *Principe
Mathusalem* (id. 3
de Janeiro de 1876),
Blinde Kuh (id.
1878), *O véu da
Rainha* (id. 2 de Ou-
tubro de 1880, *A
guerra alegre* (id.
25 de Novembro de
188), *Uma noite
em Veneza* (Berlim,
2 de Outubro de
1883) *Der Zigeu-
nerbaron* (Vienna,
24 de Outubro de
1885), *Simplicius*
(id. no theatro An-
der Wien, em 17 de
Dezembro de 1887)
e *Ninetta* que sup-
pomos ter sido a
sua ultima compo-
sição theatral.



João Strauss formou tambem excellentes
alunos de musica, contando-se entre elles
o actual imperador da Allemanha, que como
se sabe, dedica ao violino e mesmo á com-
posição as poucas horas d'ocio que lhe
deixa o seu escabroso officio de reinar.

O ultimo representante da numerosa fa-
milia dos Strauss falleceu nos primeiros dias
de Junho de 1899, não deixando descen-
dencia masculina.



ARTE INTIMA

(Continuação)

E a arte intima póde não ser de um só nem para um só.

No quartetto, por exemplo, está uma das suas mais bellas e completas manifestações. Ahí sim, que ella póde subir ás maiores culminancias e ser gosada com toda a concentração dos sentidos, sem que a perturbem o agitar de numerozo publico nem o apparatus de accessorios espectaculosos. N'uma pequena sala, quatro artistas de coração unem-se em perfeita comunidade de sentimentos estheticos, absorventes a ponto de os fazerem esquecer toda a exterioridade. Tornando-se interpretes fieis dos grandes mestres, reproduzindo uma e muitas vezes as mais grandiosas obras que a arte musical tem produzido, satisfazem plenamente todas as aspirações do mais puro idealismo, acrisolado pela educação artistica.

O quartetto póde tambem tornar-se orchestra sem perder o seu principal character de intimidade.

A symphonia beethoveniana tem realmente uma profunda expressão intima. Entre a sonata, o quartetto e a symphonia não ha, sob este ponto de vista, outra differença senão a dos timbres e a do numero de executantes. A esthetica orchestral é simples e clara. Não ha ali — não devem haver — individualidades nem virtuosismo; ha um conjuncto de timbres, rythmos e cores sonoras fundindo-se n'um todo unico e homogeneo.

E' um só instrumento, mas estupendamente grandioso. Uma machina formosissima quando é perfeita, movida por muitos pensamentos concentrados n'um só. A maior maravilha da arte dos sons.

Mas já então duas contrariedades se apresentam, ambas derivadas da mesma causa: primeira, a difficuldade de unir tantas vontades; segunda, obter de um auditorio numerozo a quietação indispensavel.

Depois, para completamente destruir todo o bello ideal esthetico, tem ultimamente surgido, tambem n'esta especialidade, a praga damnhina do virtuosismo, personificada no chefe d'orchestra; o publico quer vêr como elle se meneia, como gesticula, como pega na batuta, como olha, como está vestido, se a casaca lhe cae bem, se a figura é interessante, etc. Em seguida, visto que *abyssus, abyssum invocat*, contempla as cabelleiras dos primeiros violinos, repara nas barbichas

dos violoncellos, no aprumo dos contrabaixos, nos braços das harpistas, nos rufos dos timbaleiros.

Adeus arte intima.

Logar ao spectaculo.

Tambem o ideal de Wagner foi a arte intima, applicada em ponto grande ao theatro. Para ella imaginou a sala sem camarotes, a luz quasi extincta durante a representação, a orchestra invisivel e todas as particularidades conhecidas, que em Bayreuth apresentou como modelo.

Mas quem vae hoje a Bayreuth só em busca do goso esthetico produzido pela arte intima?

As noticias que de lá veem, todas ou quasi todas dizem o mesmo nas entrelinhas: curiosidade, desejo de ver coisas que não estão ao alcance de todos, habito de vagabundear, e — principalmente — moda. A maioria dos forasteiros que visitam Bayreuth compõe-se de inglezes e americanos. Isto diz tudo.

E assim os mais bellos pensamentos, destinados aos espiritos eleitos, são profanados e brutalmente destruidos quando a multidão se apodera d'elles.

D'onde se conclue que a arte intima, para ser conservada na sua maior pureza, deve ser produzida por poucos e dirigida a pouquissimos.

ERNESTO VIEIRA.



MESTRES CANTORES

IV

Pelos artigos anteriores sabemos o que devemos entender por *mestres-cantores* e qual a organização das confrarias por elles formadas. Tambem conhecemos a parte mais essencial do seu ritual. Vejamos agora de que elementos Ricardo Wagner lançou mão para o desenvolvimento do seu poema.

Em primeiro logar, como personagens principaes, temos os doze mestres-cantores, entre os quaes se salientam tres: o sapaiteiro poeta Hans Sachs, continuador da reforma de Luthero; o ourives Veit Pogner e o tabellião da cidade Sixtus Beckmesser. Alem dos mestres temos o joven cavalleiro de Franconia Walther de Stolzing; um aprendiz e alumno de Sachs, chamado David; Eva, filha do ourives Pogner e Magdalena, ama de leite de Eva.

Wagner, tanto no numero dos mestres como nos nomes d'elles, segue á risca o que se encontra indicado no livro de Wa-

genseil, a que já nos referimos no primeiro d'estes artigos. Apenas um dos mestres, o estanhador Balthazar Zorn, tem em Wagnenseil o appellido Fritz.

O resumo do poema é o seguinte:

Walther de Stolzing, entusiasmado pela leitura das *Chronicas heroicas* e dos poemas dos *Minnesinger*, abandona o arruinado castello dos seus antepassados e vem a Nuremberg para aprender a arte dos mestres-cantores. Apresentado em casa de Pogner, apaixona-se de Eva. Na vespera de S. João encontra-se com a sua apaixonada na igreja de Santa Catharina, depois dos officios divinos, e declara-lhe o seu amor, adquirindo a certeza de ser correspondido. Surge porém uma difficuldade quasi invencivel: sabe-se que Pogner, o rico ourives e decano da corporação dos mestres-cantores, tem a intenção de dar a mão de sua filha unica, Eva, áquelle dos mestres que fôr considerado vencedor no concurso publico que vae realisar-se no dia seguinte.

Walther pretende ser immediatamente admittido na corporação e não se contenta com o titulo de *Schulfreund*. Quer levar de assalto o titulo de *Meister* para poder obter o almejado premio. A pedido de Magdalena o seu namorado David tenta instruir Walther a respeito das confusas regras da *tabulatura*. Tempo perdido. Os condiscipulós de David, aprendizes como elle, tratam de arranjar uma parte do corpo da igreja para a apresentação dos discipulos, apresentação que Wagner faz na igreja de Santa Catharina, alterando o ritual da confraria. Chegam os mestres e, depois da chamada e de tomarem os seus logares, Pogner declara-lhes que dará a mão de sua filha ao vencedor no concurso do dia seguinte. O velho e pretencioso tabellião Beckmesser tambem é pretendente á mão de Eva. É um rival temivel, porque Wagner, pondo outra vez de parte o ritual da confraria, dá Beckmesser como unico *Merker*. Walther apresenta-se para ser admittido na corporação. Submettido á prova, canta ao amor um hymno entusiasta, que escandaliza os ouvidos de Beckmesser. Walther não chega a terminar o hymno, tantos são os erros apontados pelo marcador e o pretendente é dado como reprovado pela grande maioria dos mestres, após longa e acalorada discussão, em que Sachs se arvora em defensor de Walther.

No principio do segundo acto vem Magdalena procurar David para saber qual o resultado da apresentação de Walther. Com o mesmo fim vem Eva ao encontro de Sachs. Desesperada com as informações obtidas, acolhe com entusiasmo a proposta de rapto que Walther lhe faz. Mas o sapateiro-

poeta, que vigia os namorados e lhes surprehende algumas phrases da conversação, tudo comprehende. Profundamente impressionado com a poesia e canto de Walther, por quem sente grande sympathia, faz abortar a desesperada tentativa do rapto de Eva, que o enamorado cavalleiro pretende levar a effeito. Na mesma occasião encontra tambem modo de exasperar o marcador, que, depois de ter grosseiramente incriminado Sachs, na occasião do concurso, com a intenção de o humilhar, a proposito d'um par de sapatos que ainda não estavam promptos, vem postar-se alta noite debaixo das janellas da casa de Pogner, para cantar, á maneira de serenata e de ensaio, a poesia e melodia com que no dia seguinte pretende conquistar Eva. Mas Sachs, cuja officina está situada em frente da casa de Pogner e não tem deixado de observar Eva e Walther, principia tambem a cantar e a bater desesperadamente a sola, interrompendo e encobrendo o canto do tabellião. Este convida o sapateiro a calar-se e a ser juiz do *Meistergesang* com que no dia seguinte pretende obter o premio. Sachs promette calar-se, com a condição de marcar os erros á sua moda, isto é, martelando sobre a sola dos sapatos do tabellião, que, ainda na fôrma, precisa de acabar. O marcador acceita e ahi temos Sachs a acompanhar o canto de Beckmesser com um martelar furioso. O tabellião enraivece-se, desafina, berra. Tanto barulho acorda a visinhança. David imagina que a serenata é dedicada á sua namorada Magdalena e desata á bordoadada em Beckmesser; apparecem os outros aprendizes; acodem os visinhos e arma-se barulho, que só termina com a chegada do sereno ou guarda nocturno. Sachs aproveita o ensejo para fazer entrar Eva em casa e recolhe na d'elle o enamorado Walther. E assim termina o segundo acto.

No dia seguinte está Sachs na sua officina, muito impressionado com os acontecimentos da vespera e com o poema de Walther, que apparece pouco depois e narra a Sachs o bello sonho que tivera. Sachs convida-o a tomar o sonho como assunto do seu poema de concurso. Walther improviza o poema e a melodia, ao mesmo tempo que Sachs vae copiando os versos e lhe dá alguns conselhos. Retiram-se os dois, a fim de se vestirem convenientemente para se apresentarem no concurso. Mas o enfatuado Beckmesser não descança. Vem procurar Sachs e depara com a copia da poesia de Walther. Como reconhece a letra de Sachs entende que é uma nova composição do sapateiro-poeta e vê no collega mais um rival. Quando Sachs reaparece é censurado

por Beckmesser. Sachs tranquillisa-o, chegando a ceder-lhe os versos para apresentar aos mestres e ao publico, como sendo da propria lavra d'elle tabellião. Sachs previne-o todavia de que são versos muito difficeis de cantar. O vaidoso e grutesco Beckmesser sente-se porém senhor de si e julga-se superior a tudo e a todos. Retira-se ufano e contente com o novo poema, que lhe assegura a victoria.

Apenas Beckmesser sae apresenta-se Eva em casa de Sachs, mais inquieta do que nunca a respeito do resultado do concurso. Vem vestida com as suas galas de festa. Para a sua visita toma como pretexto o sentir os pés maguados pelos sapatos novos. O astuto velho sabe porem perfeitamente onde a verdadeira dôr existe, onde lhe dóe. Viuvo e pretendendo passar a segundas nupcias, tambem os encantos de Eva o tinham subjugado. Leva porém a sua magnanimidade até proteger o casamento d'ella com Walther. Quando está descalçando um dos sapatos de Eva apparece Walther ricamente vestido. Immoval, numa attitude de contemplação extatica, Eva escuta, subjugada o cavalleiro que improviza, á sua vista, a estrophe final do seu canto.

E' este o ponto culminante do drama, em que se affirmam todas as situações, e em que se concentram todos os sentimentos. Os dois amantes confessam o seu mutuo amôr. Tendo Sachs, renunciado ao seu sonho de felicidade vagamente acariciado, sente-se satisfeito por fazer a felicidade dos outros. Apparece David seguido de Magdalena. Sachs, para tambem fazer a felicidade d'elles, eleva David á cathegoria de *Shulfreund*, o que lhe permite desposar Magdalena. Apenas lhe resta preparar o triumpho final de Walther. Tem para isso fundadas esperanças em que o revolucionario cavalleiro ha de fascinar o publico com os seus cantos, embora em detrimento das velhas regras da tabulatura.

O ultimo quadro da comedia passa-se fóra dos muros da cidade, onde o povo se reúne para assistir ao annunciado concurso. Apparece o cortejo solemne dos mestres-cantores, precedidos do seu estandarte e dos emblemas das differentes classes de artistas. As aclamações succedem-se quando Sachs entra em ultimo logar e o pôvo então o celebre canto *Rouxinol de Wittemberg*, que Sachs escreveu em honra de Luthero.

Restabelecido o silencio abre-se o concurso. Apresenta-se Beckmesser a cantar os versos de Walther, adaptando-lhes a melodia da serenata do segundo acto. Não comprehendendo o sentido da poesia e desco-

nhecendo-lhe os escolhos, altera os versos na sua fórmula e na rima; o fiasco é completo, porque todos se riem e ninguem o comprehende. Beckmesser, furioso, lança em rosto a Sachs o tel-o enganado, dandolhe versos impossiveis de cantar. Sachs affirma que os versos são excellentes, mas que só o proprio auctor os pôde cantar. Walther apresenta-se, canta, é victoriado pelo pôvo e por alguns dos proprios mestres, Proclamado vencedor, Eva põe-lhe ao pescoço o colar das tres medalhas, insignia da classe de *Meister*, e, num rasgo de reconhecimento, corôa Sachs com a corôa de louro destinada ao poeta vencedor. Sachs, num primoroso discurso final, recommenda a Walther que não despreze a escola dos mestres e que nunca repudie a salutar influencia da santa arte allemã.

O poema termina pela apotheose de Hans Sachs, porque, como muito bem diz Alfred Ernst: «ce poète, cet homme de haute sagesse, d'art cordial, est véritablement à tous. La victoire qu'il a remportée sur lui-même refléurit en gloires visibles. Le bienfait qu'il octroya aux deux amoureux de Nuremberg s'élargit dans le temps et dans l'espace: prêtre de l'Art vivant, de l'Art intégralement humain, Sachs unit Walther à Eva, la fière et fouguese inspiration des élites au sentiment populaire, tendre, aimant, — la fiancée éternellement jeune... Et, présidant à cette union qui est son œuvre, il rattache ainsi la tradition à l'innovation, l'héritage des vieux maitres aux promesses des libres génies».

No poema dos *Mestres-cantores* quiz Wagner estabelecer a lucta entre o genio creador e o pedantismo da escola estacionaria antiga. Wagner, o genio creador moderno, está no poema personificado em Walther, coadjuvado por Hans Sachs, considerado o ultimo representante do genio popular allemão. O pedantismo da escola estacionaria é especialmente representado por Beckmesser e pela maioria dos outros mestres cantores allemães da idade media.

As difficuldades de execução dos *Mestres-cantores*, como poema dramatico, são grandes. Em 1870 escrevia Wagner a Dannreuther: «se eu tivesse a fortuna de poder pôr em scena os *Mestres-cantores* com uma companhia de artistas novos e intelligentes, em primeiro logar fal'os-ia ler e representar a comedia; só depois de bem representada é que lhes faria estudar a musica. D'este modo tenho a certeza de que obteria uma excellente execução».

(Continua).

ESTEVES LISBOA.

GALERIA DOS NOSSOS

J. E. Pinto da Cunha



Felizes dos que fazem da belleza um fim e da arte um meio!

Orientar a vida obedecendo sempre a esse ideal amado, penetrando do encanto que resalta d'uma os mysterios que existem n'outra, eis uma occupação invejavel e um destino appetecido.

Assim pensa, creio eu, o afortunado amigo que me provoca estas linhas.

Quem o não conhece? Levita entusiasta da religião da musica, onde quer que lhe celebrem culto vel o-hemos, officinando ou assistindo.

Mercê da sua voz segura e sã, do seu estylo correcto e sobrio, do seu gosto delicado e serio, é sabido que poderemos ouvil-o com prazer e applaudil-o com justiça, e graças a uma esthesia comprehensiva e a uma adaptação facil, todos lhe escutaremos enlevados ou satisfeitos um lied de Schumann ou uma romanza de Densa, um trecho do Tanhauser ou uma pagina do Fausto..

Dir-se-hia que a pintura que amorosamente cultiva lhe tem ensinado o segredo dos meios tons e a thechnica do claro escuro, e que elle transplanta tudo isso para a sua arte favorita, conseguindo a um tempo fugir aos exclu ivismos absorventes dos fanaticos e ás singularidades doentias dos exaltados...

Escuso por isso se dizer lhes que certamente tem estudado e estudará sempre, como quem sem duvida considera a voz uma preciosa filigranna alada que sem descanso demanda o trabalho demorado e fino de um buvilador paciente.

AFFONSO VARGAS.

ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Temos que retirar hoje, por absoluta carencia de espaço, a secção, em que costumamos dar conta do proseguinto dos trabalhos d'esta util instituição.

No proximo numero proseguiremos a publicação dos nomes dos subscriptores, cuja lista tem sido augmentada n'estes ultimos dias, com grande numero de adhesões.

CONCERTOS

A casa Moreira de Sá (Porto) festejou a 16 o primeiro anniversario da sua fundação com uma brilhante *soirée* musical, em que tomaram parte as srs. D. Laura Barbosa, D. Alexandrina Castagnoli, D. Rosalia Monteiro Maia, D. Leonilda Moreira de Sá e srs. Anedda, Luiz Costa, J. Freitas Gonçalves e Bernardo Moreira de Sá.

*

Teve um exito deveras lisongeiro o 2.º concerto da *Escola de Musica de Camara*, que se effectuou em 22 no salão do Conservatorio.

A confecção do programma, composto exclusivamente de musica moderna, era de molde a confirmar as intenções dos fundadores d'esta instituição, no tocante á orientação artistica que tem imprimido aos seus trabalhos. Effectivamente qualquer das obras executadas era digna do amôr com que foi estudada e do applauso com que foi acolhida.

O segundo *Trio* de Godard com que abriu o concerto, é uma das obras mais felizes d'este compositor — o que não é dizer pouco n'um repertorio tão vasto como o de Godard, e onde abundam, como se sabe, as mais finas preciosidades. O 1.º numero é um verdadeiro encanto, como factura e como inspiração; não esfria um só momento, vae antes augmentando de intensidade emotiva, empolgando o auditorio e empolgando os proprios executantes em prodigios de sonoridade que se não esperam de tres unicos instrumentos e em raptos de paixão que avassalam o mais insensivel dos ouvintes.

Não admira que os outros tres numeros não atinjam taes culminancias; no emtanto o *Adagio*, que não tem talvez a largueza de um verdadeiro adagio, é um trecho commovente e divinamente inspirado — o *Scherzo* que se lhe segue, é uma rendilhada filigrana que se lhe segue, é uma rendilhada filigrana que se permite ao espirito um justo repouso — e o *Final*, primeiro mysterioso e depois brilhantissimo, remata admiravelmente esta bella e suggestiva composição.

Francisco Benetó e D. Luiz da Cunha e Menezes tiveram no formoso trio de Godard a justa consagração do seu valor, o primeiro como artista de altissimos e invejaveis recursos, o segundo como amador tão modesto como valioso, cujos progressos ninguem houve que não constatasse e que não applaudisse muito especialmente.

O segundo numero do programma foi um *Trio* de Reinecke para oboé, trompa e piano,

peça de grande difficuldade de execução para os dois primeiros instrumentos, mas que contem effeitos inesperados e phrases encantadoras. Uma d'ellas, a do *Adagio*, teve em Manoel Tavares, o notavel e modestissimo trompista, um interprete tão intelligente e tão convencido que arrancou um expontaneo bravo a todas as boccas. No difficillimo *Scherzo* tambem o oboista Arthur da Fonseca obteve grandes e sinceros applausos; e merece-os bem pela tenacidade com que trabalha e pelas indiscutiveis qualidades de *virtuose* que o distinguem. Aperfeiçoar essas qualidades e domar as rebeldias de instrumento tão ingrato como o oboé, não é empreza facil; conhecemos porém bastante o estudioso Arthur da Fonseca para saber que aquelle rijo caracter não conhece o desanimo nem sabe vergar diante das maiores luctas. O *Trio* de Reinecke, peça quanto possivel escabrosa para o oboé, pela tessitura e pela absoluta negligencia do auctor na escolha das boas notas do instrumento, foi uma peça de exame para Arthur da Fonseca e vem mostrar o que elle pôde fazer e o que elle tem a fazer — mais ainda, veiu mostrar que o que faz é muito mais do que o que lhe falta fazer.

No *Quintetto* de Klughardt com que fechou este notavel concerto, estreitava-se um novo e valiosissimo elemento, o violinista Miguel Ferreira, por cujo apoio e auxilio felicitamos calorosamente a Escola. Boa afinação, segurança no ataque, ponderação na sonoridade e uma correção nunca desmentida são as qualidades que principalmente se salientaram no distincto musico e são qualidades deveras impagaveis n'um segundo violino de quartetto.

De resto, a execução geral da obra de Klughardt foi muito lisongeiramente apreciada, pela unidade da interpretação, pela firmeza, pelo colorido e pelo calor que lhe imprimiram os artistas encarregados de a apresentar; pode dizer-se mesmo que foi entusiasticamente ouvida. O *Adagio* principalmente teve um exito que excedeu toda a expectativa, salientando-se uma admiravel phrase da violeta que Antonio Lamas disse de uma forma commovedora, como artista de coração que é.

O *Final*, em estylo *fugato*, apesar da forma um tanto arida, foi muito apreciado como factura e como execução.

Nas tres obras que constituiam o programma collaborou tambem o pianista Lambertini.

Não fechamos esta já longa noticia sem endereçar á *Escola de Musica de Camara* os mais vivos emboras por esta brilhante manifestação da sua vitalidade e do seu esforço.

*

Com a mesma data de 22 teve logar no Porto, uma audição de alumnos, promovida pelo maestro Roncagli.

*

Merece especial consagração um concerto historico artisticamente organiado pela sr.^a Condessa de Proença a Velha, na tarde de sabbado, 28, e a que com profunda magua não podemos assistir, apesar da gentileza do convite.

Inhibidos por tal fórma de registrar as nossas impressões no respeitante á interpretação e mesmo á estructura musical de algumas das obras executadas, para nós ainda desconhecidas, temos de limitar-nos a enaltecer a escolha artistica e aprimorada dos trechos e a homogeneidade e elevação com que o programma foi confeccionado.

Dividia se este programma em tres partes, qual d'ellas a mais interessante: — MUSICA POPULAR em que foram apresentadas canções da Polonia, da Flandres e do Vivaraís, não esquecendo tambem alguns specimens do nosso *folk-lore* portuguez: MUSICA PROFANA desde Adam de la Halle (seculo XIII) até Rameau (seculo XVIII), sendo este ultimo auctor representado por um cantata completa (*L'impatience*) para uma só voz com acompanhamento dos instrumentos da epoca e finalmente MUSICA RELIGIOSA a partir d'um *choral* de Luthero (seculo XVI) até Haydn (seculo XVIII), depois de passar pelo grande Bach, esse colosso da *Fuga*, esse marco miliario da grande musica de todos os tempos.

Esta notavel festa musical, que seria tão interessante vêr reproduzir para mais numerosa assistencia, teve por collaboradores, alem da senhora condessa, que se encarregou de um certo numero de obras vocaes, as senhoras D. Sophia Vandevelde Roldan, D. Gabriella Jardim, D. Joanna Folque e srs. Oscar da Silva e Julio Cardona.

Aos convidados foram distribuidos elegantes exemplares do programma, illustrados com eloquentes apreciações historicas, firmadas pela illustre organisadora do concerto.

*

E fechamos a chronica d'esta quinzena e d'este anno com o Concerto da Real Academia de Amadores, que se realisou tambem a 28 e foi o primeiro que esta prestimosa associação offereceu n'esta epoca aos seus socios.

A orchestra tocou a *ouverture* do D. João o *Crepuscule* de Massenet, uma melodia de Grieg, um *Scherzo* de Glinka, um largo de

Haendel, a *Serenade* de Saint-Saëns e a marcha *Homenagem a Canções* do fallecido Cossoul.

Sob a intelligente batuta de Andrés Goñi teve momentos de verdadeira felicidade, arcando em outros e muito especialmente na encantadora serenata de Saint Saens com difficuldades superiores ás suas forças; para sermos inteiramente francos devemos mesmo dizer que algumas das citadas obras foram em extremo prejudicadas pela falta ou precipitação na afinação previa dos instrumentos, o que deve merecer sempre a nosso vêr a mais rigorosa attenção por parte de todos os tocadores. De resto, é tão facil de remediar esse inconveniente nos proximos concertos!

Como solistas apresentaram-se dois violinistas, a menina Luisa de Campós, que mostrou recommendaveis aptidões, afinação segura e grande sangue frio, o que não é pouco para quem começa e Raul Pereira, uma das mais promettedoras esperanças da moderna geração violinistica, a quem pouco falta para ser um artista a valêr e a quem esperamos applaudir muitas vezes em obras de melhor estylo e de mais larga factura do que a que tivemos ensejo de lhe ouvir n'este concerto.

O artista amador José Carneiro, o chefe dos primeiros violinos tambem se evidenciou a solo no *Largo religioso* de Haendel detalhando sentidamente a phrase principal d'essa encantadora composição.



THEATRO DE S. CARLOS

Com a *Tosca* abriu o nosso theatro lyrico no dia 18. A orchestra, sob a direcção do maestro Luiz Mancinelli, foi augmentada e compõe-se de 72 elementos, assim distribuidos: uma harpa, 16 primeiros violinos, 12 segundos, 6 violetas, 6 violoncellos, 6 contrabaixos, 2 flautas, 1 oitavino, 2 oboés, 1 corne inglez, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 cornetins, 4 trombones, 1 par de timpanos, bombo, tambor, pratos e triangulo. Um dos segundos violinos passa a tocar clarinete baixo, nas operas em que fôr preciso. Em algumas operas haverá 4.º cornetim de augmento.

Os córos tambem foram augmentados, assim como o corpo de baile, que no *Mephistopheles*, na noite de 26, se apresentou com 24 bailarinas.

Dos artistas lyricos até hoje ouvidos merecem-nos especial menção os seguintes: a

sr.ª Febea Strakosch, que debutou no *Lohengrin*, comprehendeu perfeitamente bem, como actriz, o importante papel de Elsa. E' uma cantora distincta, com bonita voz de soprano, fresca, extensa, de que sabe servir-se muito correctamente. A sr.ª Carelli, que se apresentou na *Tosca* tem bonita voz com notas agudas brilhantes, embora um pouco asperas, mas que o seu talento artistico procurará de futuro modificar; como actriz não conseguiu fazer esquecer as suas predecessoras no papel de protagonista. A sr.ª Corti, que debutou na *Bohème*, conhece muito bem esta opera e á sua voz bem timbrada falta apenas um pouco mais de arte no modo de a conduzir. A meio-soprano Cloé Marchesini, que já cantou em S. Carlos na epoca lyrica de 1896-97, debutou no *Lohengrin*, mas a sua voz, pouco sonora nas notas medias e graves, não deu á parte de Ortruda o brilho preciso.

Dos tenores fallaremos em primeiro lugar em Borgatti, que nos impressionou muito agradavelmente no «Lohengrin;» voz de timbre varonil, bem empostada, de facil emissão; com agudos brilhantes. É um dos poucos artistas que sabe respirar, e que com um pouco mais de estudo, obteria uma *mesa di voce* perfeita, o que lhe permittiria colorir bem as melodias apaixonadas. Alem d'isso mostra conhecer bem as operas de Wagner e merece a fama de que veio precedido.

Anselmi, que debutou na *Tosca*, tem uma voz de tenor ligeiro, que muito se presta á expressão dos sentimentos ternos e delicados. É um artista que está bem em scena e que ha de fazer carreira. O tenor Zanatello é um novo com bons elementos, mas de que ainda não sabe aproveitar-se bem.

Do baritono Menotti é desnecessario fallar, sabemos quanto vale como cantôr e quão apreciaveis são as suas magnificas qualidades de actor. No *Lohengrin* tambem debutou o baritono Rebonato; mais uma joia a que faltou apenas um lapidador perito no ensino da arte de canto.

No *Mephistopheles* debutou o baixo Sternajuoli, que com muita difficuldade luctou contra as exigencias da parte do protagonista, sem conseguir vencel-as.

Foi-lhe rescindido o contracto e já no segundo espectáculo desempenhou o papel de protagonista o baixo Oreste Luppi, que tinha debutado no *Lohengrin*.

A magnifica direcção do maestro Luiz Mancinelli fez-nos ouvir no *Lohengrin* uns effeitos de colorido a que não estavamos habituados, sendo a orchestra justamente applaudida no final do prelude, na primeira noite Sentimos não poder dizer outro tanto

da direcção dada pelo maestro Ettore Perrosio á Bohême, o que talvez se explique pela precipitação dos ensaios.

No desempenho do Mephistopheles tambem as massas coraes são dignas de todo o elogio.

NOTICIARIO

Do paiz

Recebemos do conceituado *Quartetto Moreira de Sá* um folheto com os programmas das tres sessões musicaes realizadas no Theatro de S. João em Outubro e Novembro passados, com as apreciações que a respeito dos mesmos fizeram os diversos jornaes do Porto.

Insiste o sr. J. N. em esgrimir contra a *Escola de Musica de Camara*, cujo exito, confirmado tão brilhantemente no segundo concerto, é sem duvida alguma o *cauchemar* do intransigente critico.

O nosso artigo de 31 de novembro suscitou ao redactor artistico do «Diario de Noticias», uma infeliz replica, que pela sua indole, claramente facciosa, não poude ter acolhimento no proprio jornal, obtendo porém, a condescendente publicidade d'um collega nocturno.

Pouco mais faz do que repetir-se, o sr. J. N., e portanto não vale a pena perder tempo com a resposta. Diz porém que não foi convidado para o 2.º concerto e pretende insinuar que o motivo d'essa falta foi o receio de criticas que não sejam elogiosas para os trabalhos da Escola.

Por pouco que o caso importe aos nossos leitores sempre diremos que é menos verdadeira a affirmativa e bastante leviana a insinuação.

Ao redactor artistico do «Diario de Noticias» foi enviado, a titulo de convite, o bilhete n.º 305, e outros bilhetes se enviaram á administração da referida folha, com intenção egualmente amavel.

A *Escola*, que com certeza se não preocupou um só momento com a ausencia do sr. J. N., accentuada com tal desprimôr na local a que nos vimos referindo, não receiava, de fórma alguma, as considerações do citado senhor, cuja critica, por apaixonada e facciosa, perdeu por completo e para sempre a auctoridade que podia ter antes d'este infeliz debate.

Quanto á critica sincera, intelligente e

seria, por severa que se apresente, podemos afirmar que será sempre acolhida pelos organisadores dos concertos como um inestimavel ensinamento e portanto acatada como merece.

E dito isto, damos por concluida a palestra.

Do estrangeiro

Duas obras primas a arte lyrica franceza produzia ultimamente.

Les Barbares de Saint-Saens e *Griselidis* de Massenet, dois grandes mestres da mesma escola mas dotados de muito diverso temperamento.

Les Barbares são, segundo a geral opinião, um modelo de magistral factura, um primor de orquestração, um felicissimo enxerto do novo no antigo; *Griselides* é mais uma delicada partitura cheia de finos rendilhados, poetica e cantante como quasi todas as produções de Massenet. Mais uma vez o cantor da Virgem e da Magdalena, justificou a synthese que Edouard Schuré fez da sua indole artistica:

«A taça elegante e cinselada que Massenet enche na fonte da melodia e de que se serve com tanta graça, é muitas vezes uma taça encantada.»

No dia 21 de novembro, anniversario da morte de Rubinstein, inaugurou-se, por cima da sua sepultura, no cemiterio de S. Petersburgo, uma capella do rito ortodoxo. Os admiradores compatriotas do grande pianista e compositor russo costearam todas as despezas da construcção. No interior da capella foi collocado um busto de Rubinstein, offerecido pelo Conservatorio de S. Petersburgo.

NECROLOGIA

Falleceu em Munich, na idade de 64 annos, José Rheinberger, compositor fecundo, mas principalmente professor muito estimado na Allemanha. Entre os seus numerosos discipulos, que de todos os paizes iam a Munich receber as suas lições, contam-se Richard Strauss, Humperdinck, Thuille, Alberto Franchetti, além de muitos outros egualmente notaveis.

Escreveu muitas cantatas e melodias, cujos poemas eram escriptas por sua propria mulher, poetisa tambem distincta, fallecida ha poucos annos.

José Rheinberger, fanatico pela musica do passado e pelas regras escolares, era inimigo irreconciliavel da obra de Wagner.

ULTIMAS EDIÇÕES DA CASA LAMBERTINI

V. HUSSLA—4. ^a Rapsodia	1\$000 réis
» Feuille d'Album, para violino e piano	500 »
FURTADO—Zininha, valsa	500 »
PEREIRA—Natus est Jesus para canto	600 »
MANTUA—Pas de quatre	500 »
ROVER—Arte Nova, valsa	500 »

LUVARIA GATOS

268, RUA AUREA: 270

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **Carl Hardt**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **Carl Hardt** distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **Carl Hardt** obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **Carl Hardt**, em Portugal.

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de gravatas, col-larinhos e punhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

15, 16, 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES, (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. LOPES & C.^o

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. —
 Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.
 — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico.
 — Rei d'Inglaterra. — Rainha Regente de Hes-
 panha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. o
 Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza
 Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

Berlin N. London W
 57, Johannistrasse 40, Wigmore Street

LEWIS
RHEAD



LAMBERTINI

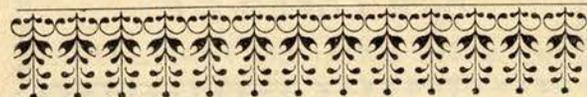
UNICO DEPOSITARIO

DOS

PIANOS

DE

BECHSTEIN



OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG
 Gracias officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Litographia, Typographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes tira-
 gens

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Lima , professor de Guitarra, <i>Rua do Salitre, 108, 2.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Travessa de S. Mamede, 8, 2.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>Rua Nova de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alexandrina Castagnoli , professora de canto, <i>Rua de Santa Martha, 35, 3.º</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quieria, 63, r/c D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua d'Andaluç, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elvira Rebello , prof. ^a de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua do Carrião, 21, 1.º E.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua da Procissão, 109, 1.º</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1. E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins J.º prof. de cornetim e mestre de philarm.as, <i>T. da Espera, 56, 3.º</i>
Joaquim Francisco Vieira , professor de canto, <i>Largo da Annunciada, 6, r/c.</i>
José Henrique dos Santos , professor de violoncello, <i>R. de S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Rua do Salitre, 341,</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Rua de S. Bento, 11, 3.º</i>
Manoel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Luç Soriano, 13, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. ^a de piano e violino, <i>Boqueirão do Duro, 59, 1.º</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º E.</i>
Napoleone Vellani , professor de canto, <i>Travessa da Palha, 205, 3.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano. <i>R. de S. João da Praça, 126. 3.º D.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º</i>
Rachel Luisello , professora de harpa, <i>Rua do Prior, 54.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, r/c.</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º D.</i>

A ARTE MUSICAL

PREÇOS DA ASSIGNATURA SEMESTRAL

(Pagamento adiantado)

Em Portugal e colonias, 12 numeros do Jornal e 12 fasciculos do Diccionario, tendo 16 paginas cada fasciculo...	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800

PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43, a 49 — LISBOA

10084